

De Portugal 10/2/79

**TELEVISÃO**

**crítica**

**TV**



# NEM GANHAMOS PARA O PETRÓLEO

Para o telespectador comum, isto é, para o que busca na Televisão simples recreio e passatempo, o serão de sexta-feira não terá sido dos mais recomendáveis. Uma série britânica com a excelente qualidade que inegavelmente apresenta a história de Will Shakespeare não chegará para satisfazer a curiosidade de grande massa de espectadores nem para preencher a sua noite televisiva. Uma entrevista com a eng.<sup>a</sup> Maria de Lurdes Pintassilgo, que se teria como polémica, também não ultrapassou os limites do que é corrente em diálogos deste estilo, em que a perguntas concretas e objectivas se riposta, por vezes, com subjectivismos em regra pouco esclarecedores, sobretudo se a conversa é envolvida na roupagem de uma linguagem trepidante, inteligente e viva, mas se fica por aí.

Este encontro de «Em Questão» com a antiga titular da pasta dos Assuntos Sociais vinha a pretexto, ou a propósito, da actividade das mulheres em profissões habitualmente reservadas aos homens. E em Portugal, com efeito, não estamos muito habituados a ver mulheres-ministros, mulheres-magistrados ou mulheres-motoristas de táxi. O pretexto deu para que se conhecesse agora uma advogada, com vários anos de Moçambique, que se tornou a primeira magistrada portuguesa, e se visse outra senhora ao volante profissional de um táxi lisboeta. E, naturalmente, as correspondentes pequenas entrevistas que as reportagens filmadas justificavam.

Por aqui se ficaria em programação o I Canal, as questões ignoradas por agora esta história mais edificante do que a muitos parecerá e se desenvolve na telenovela brasileira, ainda a uns cem folhetins do seu deslance... E o II Programa também não oferecia ao comum dos telespectadores opção por aí além, assente como estava em dois filmes ditos de intervenção e, portanto, de conotação político-social. Não que aos portugueses não venham a calhar certas obras filmicas que têm muito a ver com o nosso fenómeno social e, logo, com o seu próprio quotidiano. Mas em tudo se exige peso, conta e medida. Em televisão também, mesmo num canal notoriamente político ou que se pretende desmarcar do outro, do I, por essa mesma tendência.

E aqui está como o serão televisivo não correspondeu ontem às preferências da mais vasta audiência de espectadores. Claro que nem sempre se poderá agradar a todos. É como nos acontecimentos do dia-a-dia que enchem as páginas dos jornais e nos atingem por tabela, e uns mais do que a outros. Acontecimentos, aliás, de que os telejornais dos dois canais também se dão conta e às vezes nos fazem pensar mais do que permitiria o repouso de espírito no fim de um dia de trabalho que cada um de nós procura na simples recreação de uma noite calma diante do televisor.

Não só para compensar as arreliações de telefones que não falam por causa de greves e avarias quando temos de chamar um médico à pressa mas também para nos aliviarmos do peso de uma economia degradada e sem jeito de recuperação, mesmo a longo prazo.

Vimos ontem o primeiro-ministro inglês usar de uma linguagem realista por causa da agitação social e das reivindicações que dominam há largas semanas o seu país. «O Governo não pode inventar dinheiro que não existe nos bancos.» E, no entanto, isto é afirmado por um estadista responsável de uma Inglaterra que tem grande produção industrial, que tem grande produção agrícola e que tem petróleo no mar do Norte, mas verifica que, mesmo assim, a recuperação económica do país será difícil se à presente situação de instabilidade não se puser cobro quanto antes.

E nós, em Portugal, que não temos, infelizmente, grande produção industrial e agrícola? Nós, que não ganhamos, sequer, para o petróleo, aonde iremos parar se nem daqui a 50 anos conseguiremos pagar o que já devemos ao estrangeiro?

MÁRIO ROCHA